

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO:
PASOLINI REVISITADO
6 e 13 de Abril de 2022

UNA VITA VIOLENTA / 1962

Um filme de Paolo Heusch e Brunello Rondi

Realização: Paolo Heusch e Brunello Rondi / Argumento: Paolo Heusch, Brunello Rondi, Ennio de Concini, Franco Brusati, Franco Solinas, com a colaboração de Sergio Citti para os diálogos, baseado no romance homónimo de Pier Paolo Pasolini / Direcção de Fotografia: Armando Nannuzzi / Direcção Artística: Luigi Scaccianoce / Guarda-Roupa: Danilo Donati / Música: Piero Piccioni / Som: Fausto Ancillai, Franco Groppioni e Nino Renda / Montagem: Nella Nannuzzi / Interpretação: Franco Citti (Tommaso), Serena Vergano (Irene), Alfredo Leggi (Cagone), Angelo Santiamantini (Lello), Benito Poliani (Zucabbo), Giorgio Santangelo (Carletto), Piero Morgia, Micaela Dazzia, Bruno Cattaneo, Paola Petrini, Enrico Salvatori, etc.

Produção: Aera Films – Zebra Films / Produtor: Moris Ergas / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 106 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Una Vita Violenta não teve a intervenção directa de Pier Paolo Pasolini, mas teve obviamente a sua bênção. Não se trata de uma adaptação “pirata” do seu romance publicado em 1959, e na ficha técnica encontramos vários nomes profundamente ligados ao universo pasoliniano, principalmente os irmãos Citti, Sergio colaborando no argumento e Franco, como fizera no ano anterior em **Accattone** (estreia de Pasolini na realização), interpretando o papel principal.

Ora, **Accattone** acabou por ser uma pedra no sapato dos realizadores e produtores de **Una Vita Violenta**, e uma das razões – provavelmente a principal – para que o filme tenha sido tepidamente acolhido na época de estreia e vivido, depois disso, num estado de secundarização à beira do esquecimento. Se bem que, conforme testemunhos de gente próxima do projecto, a ideia de adaptar o romance de Pasolini tenha nascido logo a seguir à publicação do romance, e portanto ainda antes de **Accattone**, o facto é que o filme só ficou pronto a estrear em 1962, um ano depois da estreia de Pasolini na realização – e logo com um filme, esse magistral **Accattone**, que no fundo significa a transposição de *Una Vita Violenta* (o romance) para cinema, feita pelo próprio autor. Depois do impacto de **Accattone** junto dos críticos e espectadores italianos, **Una Vita Violenta** pareceu a todos um pouco redundante, e houve mesmo quem o acusasse de “oportunismo” e de ser uma mera “imitação” do filme de estreia de Pasolini.

Acusações que serão injustas – até ou sobretudo factualmente, a acreditar nos tais testemunhos sobre a génese do projecto – mas que não obliteram o carácter ligeiramente redundante do filme, sobretudo quando visto (será o caso de pelo menos alguns dos espectadores desta sessão) com a memória fresca de **Accattone**.

Mas “redundante” não quer dizer “inútil”. É claro, e quase inevitável, que ao filme, instalando-se em ambientes muito próximos dos retratados por Pasolini, falte a mesma força “retratada” e transfiguradora. Tudo é, aqui, um pouco mais “normal” do que em **Accattone**, como se o filme, longe da sacudida representada pelo de Pasolini, se inserisse (e de certa forma, insere) no modelo corrente da produção do cinema italiano. Isto significa, por exemplo, uma força bem mais reduzida no tratamento das personagens secundárias, a que falta aquela impressão de genuinidade quase “ofensiva” na galeria de personagens de **Accattone** – e mesmo o Tommaso de Franco Citti parece despojado da violência latente e imprevisível que tão bem personificara no filme do ano anterior (continuando, no entanto, a ser excelente). A aproximação de Paolo Heusch (1924-1982, de quem este será o filme mais notável enquanto realizador) e Brunello Rondi (1924-1989, um dos argumentistas mais importantes dos anos 50 e 60 italianos, colaborador de Rossellini e de Fellini, que aqui se estreava na realização) é mais naturalista, mais propriamente romanesca, e nem descarta alguns momentos de insólito romantismo (como, por exemplo, a belíssima sequência da serenata nocturna). Permanece, também, a vontade descritiva – os bairros periféricos, ocasião também para alguns travellings ao longo das ruas e dos baldios; a vida dos bairros, o ambiente sócio-político italiano (a cena no cinema, em que os fascistas se “revelam” com o filme de actualidades sobre o referendo e o Rei Humberto). Por outro lado, se **Accattone** era um filme cheio de luz, um filme “diurno”, **Una Vita Violenta** aponta muito às sombras, e é, em grande parte, um filme nocturno. O que não deixa de ser adequado: se estivéssemos a falar de um disco, **Una Vita Violenta** seria o “lado B” para o “lado A” de **Accattone**, e nada inútil nesse estatuto.

Luís Miguel Oliveira